

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

ABC



 **Atena** Editora

Ano 2018

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 5.198 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-12-3 DOI 10.22533/at.ed.123181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A identidade de um livro simboliza todos os pensamentos e discussões que se pretendem divulgar aos leitores. Quando escrevemos um texto, de certa forma, os nossos interlocutores nos auxiliam na maneira como as ideias serão organizadas na textualidade dos enunciados e nas finalidades que almejamos atingir.

Se nos convencêssemos de que todo plano textual está inserido nas finalidades de informar, formar, convencer e esclarecer algo aos nossos enunciatários, certamente a forma como enxergaríamos o texto e seus elementos constituintes seria ampliada na diversidade que a língua se realiza nos contextos sociais, pois, de certo modo, escrevemos sempre com objeções considerando um contexto e os saberes do nosso interlocutor.

Necessário sempre será discutir o discutível, refazer o que carece de ser refeito, sobretudo no contexto de produção do conhecimento, já que todo processo de aquisição do saber parte de uma das mais importantes e significativas funções da língua que é comunicação entre os sujeitos. Sempre comunicamos por meio do texto algo a alguém e às suas funções que necessitam ser clarificadas nos atos de dizer e produzir.

As comportas do conhecimento abertas pelas reflexões deste livro se revelam aos diferentes leitores, coadunando-se com a plenitude de como a linguagem assume seu único e verdadeiro objeto de interação entre os sujeitos. Comunicamos porque somos partes do ato comunicativo e com essa convicção é que comunicar representa nossos anseios, bem como os esforços de pesquisadores e estudiosos que apresentam e, ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de democratização das questões referentes à linguagem com as metodologias e os planos culturais e de identidades nos usos da língua.

Para legitimar a relevância das discussões reveladas em cada texto presente neste livro, a constituição de um mosaico textual de ideais e concepções são apresentadas por seus autores que propõem socializar os diferentes discursos capazes de sustentar as construções feitas em torno do ensino de Língua Materna, embora os estudos apresentados no referido livro não tenham unicamente a discussão que reverbera o trabalho com processo de ensino e aprendizagem da língua no seu contexto de autonomia e competências, mas da compreensão de que a língua se adegue aos meios sociais e às manifestações culturais.

A legitimidade com que os pesquisadores debruçam suas investigações na produção de cada capítulo justifica-se na plenitude diversa como a língua se expande nos diversos contextos de realização. E na função de perceber que sempre há outras formas de refazer o próprio discurso à luz da diversidade com que a linguagem é que se produz em uma corrente processual e metastásica em que os leitores encontrarão trabalhos referentes ao estudo da palavra, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ao processo analítico de obras e textos literários, aos discursos formulados no imaginário cultural e às reflexões metodológicas de trabalho no contexto

escolar.

O todo deste livro se assemelha à construção de um grande quebra-cabeça em que só tem sentido quando são juntadas todas as suas peças na formulação do plano reflexivo capaz de constituir a relevância desta obra. São, pois, ao todo, dezoito trabalhos que transitam entre os contextos da linguagem, da linguística e das intervenções que estruturam o ensino de língua portuguesa e língua estrangeira nos mais variados contextos de aquisição. Sendo assim, uma síntese de cada texto com as marcas de seus autores pode ser revelada a seguir.

O primeiro capítulo, o pesquisador Ivan Vale de Sousa propõe algumas discussões que aproximam o trabalho com a utilização da pesquisa-ação aos procedimentos da sequência didática, que segundo ele são metodologias interacionistas no ensino da linguagem em que, ao mesmo tempo, rediscute como as implicações pedagógicas são capazes de aproximar os sujeitos *professor* e *aluno* da situação comunicativa com o desvelamento de três modelos de sequência didática elaborados à luz dos objetos didáticos no processo de didatização das práticas de linguagem.

As questões discutidas no segundo capítulo são de autorias de Genilda Alves Nascimento Melo, Andreia Quinto dos Santos e Célia Jesus dos Santos Silva, que rediscutem a necessidade do currículo à luz da docência como propostas de pertencimentos, servindo como requisitos fundamentais para o ensino de Língua Materna. No terceiro capítulo, as mesmas autoras com ordem diferente de apresentação das identidades, Célia Jesus dos Santos Silva, Genilda Nascimento Melo e Andreia Quinto dos Santos trazem à discussão o ensino de leitura e da função do suporte livro didático na instituição escolar de educação básica aproximando as reflexões.

Dóris Regina Mieth Dal Magro, no quarto capítulo, revisita as habilidades de leitura e escrita como eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de língua portuguesa à luz dos gêneros discursivos como alternativas eficazes na promoção do letramento e na autoria dos estudantes. O quinto capítulo, Nayara da Silva Camargo e Nilson Santos Trindade destacam os aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente no que se refere às relações pronominais focalizando ao leitor a compreensão desse processo.

No sexto capítulo, Luiz Antonio de Sousa Netto, Rafaela Cunha Costa e Stella Telles estudam a palavra fonológica na língua polissintética Latundê lançando luzes a algumas teorias apresentadas por estudiosos e ancoradas na concepção interacionista da linguagem. O sétimo capítulo, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva e Regina Célia Ramos de Almeida apresentam as marcas de oralidade na escrita compreendendo os processos de monotongação e apagamento do [R] final, no contexto de aplicabilidade e intervenção com alunos do ensino médio.

Thays Trindade Maier, no oitavo capítulo, apresenta um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, com a finalidade de despertar e promover a competência leitora no ambiente escolar. No nono capítulo, as autoras Katharyni Martins Pontes, Thaís Pereira Romano e Rita de Nazareth Souza Bentes apresentam o

letramento literário como instrumentalização no ensino de alunos surdos e rediscutem a relevância da acessibilidade do aluno surdo ao contexto literário.

No décimo capítulo, Myriam Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva partem do desenvolvimento disciplinar, refletindo os impactos na formação inicial do professor, além de discutir as estratégias metacognitivas na análise de novas propostas metodológicas no aprendizado de línguas estrangeiras. As reflexões que enfocam o décimo primeiro capítulo, Adriane do Socorro Miranda e Polyana Cunha Campos relatam as contribuições do Projeto Pibid no processo de formação inicial de professores de português como Língua Materna, em que os sujeitos participantes emitem suas convicções na função de bolsistas.

No décimo segundo capítulo, Larissa Rizzon da Silva revela como os fatores socioculturais e identitários são relevantes no processo de reabilitação do afásico, em que as discussões se concentram no contexto de socialização do sujeito com a linguagem. O décimo terceiro capítulo, a simbiose do bumba-meu-boi do Maranhão é tematizada nas reflexões de Joaquim de Oliveira Gomes sob a ótica do discurso e da sustentabilidade em que são propostas as aproximações entre a análise dos discursos à luz das toadas com as questões de sustentabilidade capazes de perpetuar a relevância da manifestação.

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, no décimo quarto capítulo, investiga as (des)construções do imaginário de ensino de língua portuguesa na formação superior da graduação em Direito lançando luzes para as vertentes e os saberes linguísticos na concepção da análise do discurso (AD). O décimo quinto capítulo, autoria de Katia Cristina Schuhmann Zilio, os sentidos digitais são discutidos como aproximações do uso da tecnologia na educação propondo questões que são respondidas ao longo das reflexões inseridas no texto.

No décimo sexto capítulo, Priscila Ferreira Bentes passeia entre as páginas da narrativa tecida pelo escritor Benedicto Monteiro, descrevendo o movimento de religiosidade no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, a autora do capítulo aproxima as discussões entre literatura e antropologia com toda a riqueza literária presente na obra utilizada como *corpus* de análise. No décimo sétimo capítulo, Margarida da Silveira Corsi e Gilmei Francisco Fleck analisam a dialogia romanesca atentando-se para as releituras do perfil de uma cortesã, esclarecendo que a imbricação das análises culmina para a estruturação do cordel como uma das marcas da brasilidade.

Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, no décimo oitavo e último capítulo, revelam a urbanidade poética como fonte de inspiração e análise, em parte, do poema *Belém e seu poema*, de Bruno Menezes e readmitem que as imagens criadas no gênero literário partem dos múltiplos olhares do cotidiano.

Ao apresentar aos leitores uma síntese do que pode ser encontrado em cada trabalho que compõe este livro, esperamos que as reflexões contribuam com o processo de ampliação do letramento literário, da metodologia de investigação com a linguagem, lance luzes a outros questionamentos e flexibilize a forma de pensar o

ensino de Língua Materna em uma construção de continuidade. Além disso, sabemos ainda que as discussões, doravante, demonstradas podem, de certa forma, ampliarem-se nos mais diversos contextos de aprendizagem em que o leitor transite o caminho também de produtor de outros discursos.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
METODOLOGIAS INTERACIONISTAS EM QUESTÃO: PESQUISA-AÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA LINGUAGEM	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
CAPÍTULO 2	13
'DOCÊNCIA: CURRÍCULO E PERTENCIMENTO – REQUISITOS BÁSICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos Célia dos Santos Silva</i>	
CAPÍTULO 3	28
O ENSINO DA LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Célia Jesus dos Santos Silva</i>	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos</i>	
CAPÍTULO 4	44
LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES	
<i>Dóris Regina Mieth Dal Magro</i>	
CAPÍTULO 5	56
ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS	
<i>Nayara da Silva Camargo</i>	
<i>Nilson Santos Trindade</i>	
CAPÍTULO 6	75
ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)	
<i>Luiz Antonio de Sousa Netto</i>	
<i>Rafaela Cunha Costa</i>	
<i>Stella Telles</i>	
CAPÍTULO 7	85
MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO	
<i>Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva</i>	
<i>Regina Célia Ramos de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	104
RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA	
<i>Thays Trindade Maier</i>	
CAPÍTULO 9	114
LETRAMENTO LITERÁRIO: INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS	
<i>Katharyni Martins Pontes</i>	
<i>Thaís Pereira Romano</i>	
<i>Rita de Nazareth Souza Bentes</i>	
CAPÍTULO 10	124
O IMPACTO DA DISCIPLINA “APRENDER A APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS EM ANÁLISE	
<i>Myriam Crestiam Cunha</i>	
<i>Walkyria Magno e Silva</i>	

CAPÍTULO 11	139
AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DOS BOLSISTAS	
<i>Adriane do Socorro Miranda</i> <i>Polyana Cunha Campos</i>	
CAPÍTULO 12	150
A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO	
<i>Larissa Rizzon da Silva</i>	
CAPÍTULO 13	159
DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO	
<i>Joaquim de Oliveira Gomes</i>	
CAPÍTULO 14	169
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO IMAGINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO	
<i>Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset</i>	
CAPÍTULO 15	184
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS DO DIGITAL	
<i>Katia Cristina Schuhmann Zilio</i>	
CAPÍTULO 16	198
DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA:UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO	
<i>Priscila Ferreira Bentes</i>	
CAPÍTULO 17	208
DA CAMÉLIA AO MANDACARU: RELEITURAS DO PERFIL DE UMA CORTESÃ	
<i>Margarida da Silveira Corsi</i> <i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
CAPÍTULO 18	227
A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”	
<i>Edvaldo Santos Pereira</i> <i>Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR	233

LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES

Dóris Regina Mieth Dal Magro

Mestranda do Programa de Mestrado Profissional
em Letras

Universidade Estadual do Oeste do Paraná-
UNIOESTE

Cascavel - Paraná

RESUMO: A leitura e a escrita são os eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de Língua Portuguesa e sua execução, pautada numa concepção dialógica da linguagem, através do trabalho com os gêneros discursivos, apresenta-se como uma alternativa eficaz na promoção do letramento dos estudantes. Desta forma, procuramos trazer considerações sobre o trabalho com a leitura e escrita na escola e ressaltar a importância da mediação docente na condução desse processo que, bem orientado, pode possibilitar aos alunos constituírem-se como autores, ou seja, sujeitos históricos capazes de compreender e agir para modificar a sua realidade e o curso dos processos sociais. Para tanto, entendemos a necessidade de se construir uma relação pedagógica colaborativa entre professor e aluno, alicerçada na pesquisa e na organização dos procedimentos didáticos adotados em sala de aula. A base teórica está pautada na concepção interacionista da linguagem, ancorada nos postulados de

Bakhtin/Volochinov (2010), que compreendem a linguagem como fenômeno social da interação verbal e sua aplicação para o ensino baseada nos postulados de Garcez ((2012), Geraldí (2015), Rojo (2012), Riolfi (2008) e Kleiman (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; escrita; mediação; autoria.

ABSTRACT: Reading and writing are the guiding axis for the teaching work in the discipline of Portuguese and its execution based on a dialogical conception of the language, through the work with discursive genres that are presented as an effective alternative in the promotion of the literacy of the students. In this way we try to bring considerations about the work with reading and writing in school and to emphasize the importance of the teacher mediation in conducting such process, which well oriented, can enable the students to be constituted as authors, that is, historical subjects capable of understand and act to change their reality and the course of social processes. Therefore, we understand the need to build a collaborative pedagogical relationship between teacher and student, based on the research and organization of didactic procedures adopted in the classroom. A theoretical basis is based on the interactionist conception of language, anchored in the postulates of Bakhtin / Volochinov (2010),

which understands a language as a social phenomenon of verbal interaction and its application to high school in the postulates of Garcez (2012), Geraldi (2015), Rojo (2012), Riolfi (2008) and Kleiman (2011).

KEYWORDS: Reading; writing; mediation; authorship.

1 | INTRODUÇÃO

O ensino da leitura e da escrita perpassa por todas as disciplinas do conhecimento que fazem parte do currículo das escolas de educação básica do Brasil. A correta apreensão dos mecanismos de aprendizagem dessas habilidades, tão importantes para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes e para a sua inserção em todos os aspectos da vida social, deveria ser uma constante em todas as formações de professores, além de se constituir como uma das principais preocupações dos docentes em sua prática cotidiana.

Muitos estudantes, especialmente os que frequentam a escola pública, não têm outra possibilidade de acesso às práticas de letramento, que podem assegurar-lhes expectativas melhores para um futuro profissional, pessoal e cultural, fora àquelas oferecidas pela escola. Sabemos das dificuldades econômicas e, infelizmente, culturais, que afastam muitas famílias brasileiras do acesso a bons materiais de leitura. Esse fato reflete diretamente no desenvolvimento dos estudantes e aumenta a importância do papel do magistério a quem cumpre suprir muitas lacunas a fim de oferecer uma formação adequada para os jovens que frequentam os bancos escolares.

Nesta perspectiva, o presente trabalho pretende fazer uma reflexão sobre a ensino da leitura e da escrita na escola e a importância da mediação pedagógica que tem influência direta no processo de ensino-aprendizagem para a formação de sujeitos autores, que tenham condições de ler além das linhas do texto para conhecer, compreender e agir para modificar a sua realidade social.

2 | LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

Ler e escrever são atividades que permeiam o trabalho pedagógico em todas as disciplinas de todos os níveis de ensino. A função primeira da escola é alfabetizar o aluno para que o mesmo, ao longo do processo escolar e por meio de práticas diferentes de letramento, possa concluir a educação básica como leitor e escritor proficiente. Ocorre, no entanto, que a realidade apresentada por meio de diferentes exames como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), o PISA e diferentes vestibulares ao longo do país mostra uma situação alarmante em que muitos jovens não compreendem o que leem e não conseguem organizar as suas ideias de forma eficiente em um texto escrito.

Essa é uma situação que merece atenção por parte de todos os responsáveis, governo, pais e educadores, num esforço conjunto para priorizar as questões

referentes à educação e trazer essa discussão para a agenda do país de forma séria e comprometida com a formação das crianças e jovens brasileiros. O desenvolvimento de um país se mede pela forma como seus cidadãos são instruídos e se reconhecem como sujeitos ativos no desenvolvimento social de uma nação. _

Assim, partimos do pressuposto de que todas as atividades realizadas na escola são predominantemente sociais. Marcuschi afirma que compreender um texto, por exemplo, não é algo natural e nem uma herança genética. Exige comprometimento e interação, que na escola pode ser representada na relação professor-aluno ou aluno e aluno, “é muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e de uma sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 230). Essa inserção no mundo e relação com o outro pode ser complexa e gerar incompreensões, afinal todos passamos por situações em que ao lermos um texto ou enunciado compreendemos as coisas de forma diferentes do que os nossos colegas. Essa divergência, por si só, não seria um problema, pois trazemos para o texto as nossas experiências e visões de mundo que são inerentes a cada sujeito social e, na escola, podemos ensinar e aprender a respeitar os diferentes pontos de vista. Esta é uma função social da educação: dar voz a todos os sujeitos, especialmente àqueles mais marginalizados e que, fora do ambiente escolar, permanecem esquecidos.

Para que essa promoção social aconteça, a escola precisa cumprir o seu papel de ensinar os estudantes a ler além das linhas impressas, “A leitura é uma atividade que merece ter lugar central na prática escolar, e que, por isso, merece ser ensinada por todo professor, qualquer que seja a matéria que leciona (KLEIMAN e MORAES, 2007, p. 190).” Desta forma, em todas as disciplinas do conhecimento, os professores podem tornar-se promotores de letramento e auxiliar os estudantes a superar as suas lacunas de conhecimento, considerando o fato de que os estudantes são sujeitos em processo de formação e com tempos de aprendizagem distintos e que diferentes conhecimentos podem ser acionados durante a leitura. Sobre essa questão Kleiman (2011) aponta que

(...) o conhecimento linguístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento de compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado. O mero passar de olhos não é leitura, pois a leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimento daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos (KLEIMANN, 2011, p. 26).

Conhecer esses mecanismos e processos mobilizados durante a leitura pode fazer parte das estratégias adotadas pelos professores para auxiliar os estudantes na correta apreensão dos significados expressos no texto. A partir dessa compreensão, avançar para uma ressignificação, de acordo com as próprias perspectivas e realidade vividas pelos estudantes. Naturalmente esse processo não é simples, visto que

A leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e

compreensão e inteligência do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção. Lida com a capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações. Envolve especificamente elementos da linguagem, mas também os da experiência de vida dos indivíduos (GARCEZ, 2012, p. 23).

Ler é muito mais do que compreender a palavra escrita. Precisa trazer para o momento mais do que o significado primeiro das palavras e incorporar no aluno senso de criticidade e conhecimento das situações que poderá ser acionado em ocasiões futuras em que ocorrer necessidade de se posicionar ou escrever sobre o que leu. Dessa forma a leitura

Não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto (FREIRE, 1998, p. 11).

Portanto, na escola é importante considerar o conhecimento que o estudante traz consigo. Essa valorização das suas singularidades pode despertar no aluno noções críticas capazes de romper círculos de pobreza e ignorância e o capacitar para agir sobre a sua própria realidade, no sentido de melhorar as suas condições sociais. Nesse viés, a leitura implica em um estudante ativo, que reage sobre o que lê, seja para concordar, discordar, rejeitar ou ressignificar. Assim

Ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, práxicas, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas) todas dependentes da situação e das finalidades de leitura, algumas delas denominadas, em algumas teorias de leitura, estratégias (cognitivas, metacognitivas) (ROJO, 2002, p. 2).

Esses procedimentos de leitura precisam ser ensinados para os estudantes. As condições econômicas de grande parte das famílias não possibilitam esse aprendizado em casa. Deste modo, os professores são os principais agentes promotores de letramento e de práticas e estratégias de leitura de boa parte dos estudantes brasileiros. Sobre a questão da aprendizagem inicial da leitura, Solé (1998, p. 62) afirma que a criança precisa ter uma interação significativa e funcional com a linguagem escrita, para que o ensino seja expressivo com elementos que tragam para a sala de aula, elementos que façam o aprendiz compreender e refletir as situações expostas. Assim

Formar leitores autônomos também significa formar leitores que sejam capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos (SOLÉ, 1998, p. 72).

A leitura deveria, então, habilitar os estudantes a compreender além do sentido imediato da mensagem escrita. Cada sujeito estabelece uma relação diferente com o que lê e transforma esse fato em conhecimento que pode ser aplicado em diferentes

situações: escolares, familiares, econômicas, éticas, entre outras. Entretanto, a realidade que percebemos nas escolas segue na direção contrária, pois boa parte dos estudantes não consegue estabelecer relações de compreensão leitora que ultrapassem os limites do texto, e muitos sequer atingem as noções literais apresentadas no final do ensino básico. Com isso

É desmotivadora a idéia de que a grande maioria de nossos alunos, que não chegará à universidade, estaria condenada a sair da escola sem ter desenvolvido as habilidades necessárias para compreender um texto de modo a expressar o mais importante dele num resumo ou a perceber a atitude do autor. Se se crê que essas habilidades são adquiridas tão tardiamente no processo escolar, essa crença é apenas um passo para o abandono do exercício das estratégias que desenvolveriam essas capacidades e habilidades (KLEIMAN, 2011, p. 51).

O ensino de leitura precisa ser eficiente e possibilitar aos estudantes a compreensão de todos os sentidos colocados nos discursos lidos. Esse é um fator de inclusão social, que precisa provocar no aluno transformações que se reflitam na sua realidade e, neste processo, a escola e o professor possuem uma grande responsabilidade em possibilitar um ensino reflexivo, que provoque curiosidade, inquietações e vontade de pesquisar.

A leitura está umbilicalmente ligada à escrita, como atividades escolares complementares e que no processo de ensino-aprendizagem são praticamente indissociáveis, pois toda leitura leva a uma prática de escrita seja por meio de uma produção de texto, uma resposta a um questionário, um apontamento, entre outras atividades. Desta forma “todo ato de escrita pertence a uma prática social. Não se escreve por escrever. A escrita tem um sentido e uma função” (GARCEZ, 2012, p. 8). Essa função pode ser explicitada ao estudante do Ensino Fundamental para que ele compreenda a importância de dominar o código escrito da língua. Afinal “a escrita é muito necessária no mundo moderno, uma vez que as práticas sociais que estruturam as nossas organizações contemporâneas são mediadas por textos escritos. Dependemos da escrita para existir efetivamente no mundo.” (GARCEZ, 2012, p. 10). Tamanha a importância da escrita em nossa sociedade que o acesso ao ensino superior se dá, entre outras avaliações, pela produção de uma redação com caráter eliminatório que pode ou não possibilitar ao estudante o ingresso à universidade. Assim:

A produção de textos é uma forma de reorganização do pensamento e do universo interior da pessoa. A escrita não é apenas uma oportunidade para que a pessoa mostre, comunique o que sabe, mas também para que descubra o que é, o que pensa, o que quer, em que acredita (GARCEZ, 2012, p. 9).

Isso quer dizer que em uma sociedade grafocêntrica como a nossa, a escola pode oportunizar aos seus alunos essa comunicação eficaz por meio do registro escrito, aliada com práticas significativas de leitura, pois

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção

como produtor de conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está em livros, revistas, jornais, relatórios, arquivos. Ensinar é ensinar a escrever porque a reflexão sobre a produção de conhecimento se expressa por escrito (GUEDES; SOUZA, 1998, p. 19).

Oportunizar aos estudantes que aprendam a ler e escrever de forma autônoma e significativa é um trabalho da escola e de todos os professores que, num esforço conjunto, podem oportunizar, em cada disciplina, a motivação e o estímulo que os estudantes necessitam para o acesso a essas habilidades. Soares (1998) salienta que não basta apenas aprender a ler e escrever se as pessoas não adquirirem competência para utilizar a leitura e a escrita em práticas sociais que as transformem em sujeitos ativos dessas mesmas práticas (SOARES, 1998, p. 45-46). Ou seja, é necessário trazer os estudantes para a compreensão do que leem e ensiná-los a produzir textos em que saibam se posicionar sobre as questões tratadas, para que sejam autores de fato e não apenas reproduzam opiniões e conceitos fechados.

Lembramos que os alunos são sujeitos em formação e, muitas vezes, não compreendem a importância que essas atividades têm e representarão na sua vida futura. Aos professores compete, portanto, encontrar estratégias para ultrapassar os limites e dificuldades impostos no cotidiano da sala de aula, pois são os profissionais que possuem conhecimento para lidar com os aspectos que envolvem o processo de ensino e sabem que os tempos de aprendizagem são diferentes entre os estudantes, além disso precisam levar em consideração que

Ler e escrever são processos, frequentemente vistos como imagens espelhadas uma da outra, como reflexos sob ângulos opostos de uma mesmo fenômeno: a comunicação através da língua escrita. Mas há diferenças fundamentais entre as habilidades e conhecimentos empregados na leitura e aqueles empregados na escrita, assim como há diferenças consideráveis entre os processos envolvidos na aprendizagem da escrita (SMITH *apud* SOARES, 1998, p. 68).

Desta maneira, conhecer a maneira como os estudantes compreendem essas habilidades pode ser uma importante aliada dos professores na execução do seu trabalho docente. Esse conhecimento possibilita tratar cada estudante como único, um sujeito de sua história e, apesar das limitações naturais impostas ao exercício do magistério, encontrar alternativas de trabalhar com essas singularidades em sala de aula. Sabemos que os professores estão sobrecarregados de atividades, com muitas aulas em sala, excesso de alunos, várias escolas para suprir a carga horária, baixo retorno financeiro e falta de reconhecimento por parte da sociedade e do governo. Contudo, esses fatores negativos não podem superar a relevância que possui o trabalho do professor em um país como o nosso. Apesar dos obstáculos, o trabalho precisa ser feito da melhor forma possível, pois gerações de alunos dependem dessa atividade para terem alguma chance de quebrar os ciclos de miséria e ignorância em que estão inseridos.

Desta maneira, explicitada a relevância e a necessidade do trabalho com a leitura e a escrita escola, na próxima seção enfatizaremos a importância da mediação

pedagógica no processo de ensino para possibilitar a formação de alunos-autores.

3 | MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E AUTORIA

A mediação pedagógica é o pilar do processo de ensino-aprendizagem, não apenas da leitura e da escrita como de todos os outros procedimentos pedagógicos. O professor não trabalha apenas na escola, precisa dedicar tempo para pesquisar, preparar aulas, atividades, corrigir, formular diagnósticos, entre tantas outras atribuições fora o tempo destinado à regência. Arroyo (2002, p. 27) afirma que poucas profissões se identificam tanto com a vida das pessoas como o professor, uma vez que além de levar trabalho para casa, carregamos conosco angústias e sonhos que não damos conta de separar “porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro em nós.” Nessa alteridade residem, simultaneamente, a beleza e a dificuldade do trabalho pedagógico, já que tanto professores quanto alunos carregam junto consigo as suas experiências pessoais, sociais, culturais e éticas que emergem no momento da interação em sala de aula. Sobre essa questão, Geraldi (2015) aponta que

Num contexto de aprendizagem, professores e alunos são aprendizes, mas em patamares distintos. A relação entre eles é de mediação, sem que um deles tenha previamente definido a zona de desenvolvimento final – o conhecimento fixado e aprendido – já que esta não passa de alavanca para outras explorações possíveis e não previstas (GERALDI, 2015, p. 77-78).

Esse parece ser um ponto relevante na questão da mediação pedagógica: o professor também aprende com o aluno que participa do processo de aprendizagem com um sujeito ativo com possibilidades de partilhar a sua visão de mundo e oferecer novas compreensões ao conteúdo tratado em sala de aula. A aprendizagem é uma via de mão dupla que só funciona de maneira adequada na interação entre os sujeitos envolvidos no processo. O autor afirma também que é necessário ultrapassar o senso comum em que o professor precisa dar conta sozinho de todos os aspectos que envolvem o cotidiano escolar, entretanto é seu dever organizar o processo de ensino e buscar todos os esclarecimentos disponíveis para “pensar o ensino não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos, que resultam, de modo geral, de novas articulações dos conhecimentos disponíveis” (GERALDI (2015, p. 97-98). Um ensino que produz conhecimento depende de uma boa preparação e organização do trabalho pedagógico.

O professor precisa, como profissional da educação, criar dispositivos com fundamentação teórica para que consiga vislumbrar, para além das aparências, a assimilação, as falhas, os pontos que precisam de reforço, etc. Ele saberá transformar suas experiências em meio eficiente de diagnóstico linguístico que norteará as estratégias de ação para um bom trabalho. Isso não quer dizer que vamos trabalhar com um aluno ideal, sem problemas de aprendizagem, de sociabilidade ou familiares. Ao contrário, nosso ideal é que a docência se realize em um espaço real, onde esses conflitos existem e sempre existirão (RIOLFI, 2008, p. 15).

A realidade das nossas escolas, desprovidas de suporte material como: bons livros, fotocópias, acesso à internet, computadores, entre outras dificuldades, permeiam o trabalho diários dos professores. Podemos encontrar, através da nossa prática, as possibilidades para a nossa atuação ser a mais eficiente possível nas condições que são apresentadas. As adversidades estruturais, acrescidas da falta de reconhecimento social e indisciplina dos alunos, não podem determinar a qualidade do trabalho do professor. Apesar dessas dificuldades, o trabalho pedagógico precisa se sobressair, para fazer a diferença na vida dos alunos que passam por nossas mãos e têm, no ambiente escolar, um dos poucos (para muitos único) lugares para lidar com o conhecimento organizado.

O direito e a garantia de uma educação não dependem apenas dos seus profissionais “mas também não aconteceria sem eles, sem sua perícia, seu trabalho qualificado. Seu planejamento e ação competentes são insubstituíveis” (ARROYO, 2000, p. 21). A mediação do professor é indispensável para uma aprendizagem exitosa. Ainda que as escolas estivessem bem equipadas, providas dos melhores materiais pedagógicos, o clima humano, na construção das relações sociais e culturais é indispensável (ARROYO, 2000, p. 64).

Na escola lidamos com crianças e jovens na construção de suas personalidades que buscam, ou não, o acesso aos saberes organizados. Em qualquer circunstância, a mediação do professor se faz necessária na correta articulação das informações, na organização das tarefas e na correção de rumos.

Se desejarmos, genuinamente, cumprir o papel de mediadores entre o aluno e o imenso cabedal de recursos linguísticos disponível aos que se propõe a estudar o sistema linguístico com afinco, devemos nos responsabilizar por criar uma organização do cotidiano escolar a partir de informações mais precisas, consistentes e, na medida do possível, individualizadas. Quando considerarmos nossos alunos, individualmente, poderemos lhes proporcionar, dentro dos limites que a instituição nos impõem e para além das aparências, uma transmissão subjetiva e torná-los mais capacitados a usar e analisar a Língua Portuguesa (RIOLFI, 2008, p. 14).

A organização do nosso fazer pedagógico baseada nas necessidades dos alunos torna a mediação mais efetiva e abrangente. Os estudantes são heterogêneos na questão da aprendizagem. Compreender esse fato e buscar equilibrar o trabalho, tanto quanto possível, é uma forma de auxiliar tanto os estudantes que têm mais facilidade de compreensão, no sentido de possibilitar a esses novos desafios, quanto àqueles que têm mais dificuldades para ultrapassar os seus limites. A mediação docente pode fazer com que o estudante compreenda que é relevante transformar o conhecimento, agir sobre ele, fazê-lo adquirir novos significados uma vez que a aprendizagem, por meio da interação, implica “que os alunos se associem, de uma maneira ou de outra, ao processo pedagógico em curso para que ele tenha alguma possibilidade de sucesso” (TARDIFF, 2014, p. 167).

No contexto de ensino-aprendizagem, a relação dialógica construída entre professor e aluno e mediada pela linguagem, torna possível um trabalho que promova

o letramento efetivo dos estudantes uma vez que as atividades pedagógicas passam a ser realizadas no viés do discurso que consideram as condições de produção, as intenções de quem produziu, para quem e para que foi produzido. Dessa forma, compreendemos que o trabalho com os gêneros do discurso se apresenta como uma alternativa eficaz para promoção do conhecimento.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade racional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p.261-262, grifos do autor).

Através da linguagem, todos os estudantes, antes de iniciarem a sua jornada escolar, já estão familiarizados com determinados gêneros, ainda que não os nominem desta maneira, afinal os “gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática” (BAKHTIN, 2003, p. 282). Deste modo, as relações construídas pela linguagem na escola podem ser significativas para os estudantes em todas as atividades que realizarem, para que seja oportunizado um conhecimento efetivo. O ponto de partida do processo de ensino é aquilo que o estudante já conhece. A partir disso apresentar novas possibilidades de trabalho que tenham concretude para o aluno pois “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação, isto é, antes de tudo pela *situação social mais imediata*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 116, grifos dos autores). Ou seja, o ambiente em que vive o estudante influencia diretamente na forma como ele se manifesta e, como professores, podemos tornar o ensino significativo para que os estudantes se sintam como partes integrantes do processo escolar e consigam uma interação efetiva com os colegas, professores e com o conhecimento organizado. Sobre a questão da interação, Bakhtin/Volochinov afirmam que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 127, grifo dos autores).

Por conta disso, podemos encontrar maneiras de facilitar o processo de aprendizagem para os estudantes, torná-los protagonistas a partir do que já sabem

e das suas próprias vivências e apresentar o ensino por meio da linguagem, uma vez que, na escola, a interação ocorre por meios dos textos que permitem ao estudante enquanto usuário da língua organizar e transmitir ideias, informações, opiniões em situações de interação (SOUZA; MACHADO, 2014, p. 41).

A escola é o espaço social determinante no qual o aluno, enquanto sujeito social incipiente, pode encontrar apoio pedagógico e material para se integrar de forma completa e independente em todos os outros lugares. Pode aprender a refletir sobre os diferentes aspectos (políticos, econômicos, éticos) da sociedade e a partir disso emitir as suas próprias opiniões, fazer apontamentos e pensar em ações efetivas para contribuir e transformar a sua realidade mais imediata. Assim

Diante dos numerosos desafios atuais e futuros, a educação deve ser um instrumento indispensável para que a humanidade progrida em direção aos ideais de paz, liberdade, equidade e justiça social, fazendo frente a uma mundialização percebida exclusivamente em seus aspectos econômicos ou técnicos; formando de maneira que as pessoas possam utilizar sua inteligência e seus conhecimentos para transformar a sociedade, e participando em sua gestão desde posições informadas, críticas, cooperadoras e que respeitem a diversidade cultural e os valores das diferentes civilizações. Portanto, a finalidade principal da educação deve consistir no pleno desenvolvimento do ser humano em sua dimensão social (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 78).

Essa transformação social e desenvolvimento pleno do ser humano podemos considerar como formação de alunos autores. Pessoas que assumam responsabilidades, que sejam éticas, justas e se reconheçam como partes integrantes de um sistema social em que todos os indivíduos podem coexistir independentemente de raça, credo, religião e outras tantas diferenças que permeiam as discussões contemporâneas.

Em um momento de crise de valores e de ausência de horizontes estimulantes, quando a indefinição cultural, a impotência diante de muitas decisões políticas condicionadas por interesses distantes das necessidades da maioria, a mercantilização e a fragmentação da cultura, e os princípios de egoísmo, consumismo, competitividade e superficialidade se fazem presentes, a educação tem a tarefa de promover uma cultura de solidariedade, justiça, participação, respeito para com os demais e com as diferenças, e a defesa dos mais fracos. Uma educação que estimule pessoas a assumir a responsabilidade para com os demais de forma cotidiana, em sua vida familiar, profissional, cultural e associativa; capazes de agir e pensar, de forma sistemática, contra a corrente de uma cultura dominante, contraditória e submetida aos interesses de uma minoria (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 79).

Em tempos difíceis como os que vivemos, mostrar para os estudantes que eles podem agir de forma diferente é mostrar uma realidade possível e que não pode ser negligenciada. O resgate dos valores adequados que moldam a conduta das pessoas é uma das alternativas para superar essa crise ética pela qual passa o país. A escola e o professor possuem um papel fundamental nessa formação de alunos autores que, através do conhecimento organizado, comprometam-se com a sua palavra (GERALDI, 1997, p.136), tanto no âmbito da escrita quanto na questão da oralidade. Nesse sentido

O sistema escolar deve formar cidadãos autônomos, capazes de compreender o mundo social e natural no qual vivem e de participar em sua gestão e melhoria desde posições informadas, críticas, criativas e solidárias. Devem ser capazes de ajudar

a transformar uma interdependência real e conflitiva em solidariedade pessoal e socialmente enriquecedora (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 79).

Defender seus pontos de vista, baseados em critérios de justiça e promoção social, são fatores de formação de alunos autores que têm muito a contribuir como sujeitos sociais de uma nação que precisa de pessoas comprometidas com a melhoria das condições de vida, seja para cobrar atitudes dos governantes, para tomar posição em questões importantes ou para assumir suas próprias responsabilidades.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou algumas considerações sobre a questão da leitura e da escrita na escola e a importância da mediação pedagógica na constituição de alunos autores dos processos sociais em que estão inseridos.

Muitos dos estudantes brasileiros e que frequentam a escola pública precisam de uma educação formadora e de professores competentes e comprometidos com o seu trabalho. Essa competência docente precisa ser constantemente aprimorada. Isso se dá pelos processos de formação continuada, aliada a uma boa formação inicial. A solução recorrente de culpar o professor pelos “fracassos” do ensino precisa ser posta de lado e a questão da formação deve ser levada a sério pelo governo a quem compete organizar o sistema de ensino. É preciso formar as pessoas, portanto

O sistema escolar deve formar pessoas para a inovação, capazes de evoluir, de se adaptar a um mundo em rápida mutação, mas sem perder a visão global da pessoa como ser crítico diante das desigualdades e comprometido com a transformação social e econômica em direção a uma sociedade na qual não só se garantisse o direito ao trabalho, como também que este seja realizado em função do desenvolvimento das pessoas e não somente dos interesses do mercado (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 82).

Essa formação de alunos autores que se mobilizem para modificar a sua realidade social e que reconheçam as suas habilidades e competências será potencializada através de uma adequada formação dos professores. Afinal, uma nação que pretende superar as suas crises somente o fará por meio da educação e dos seus profissionais.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1998.

GARCEZ, Lucilia H. do Carmo. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São

Paulo; Martins Fontes, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João editores, 2015.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUEDES, Paulo Coimbra. SOUZA, Jane Mari. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português. In: NEVES *et al* (orgs.). **Ler e escrever compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

KLEIMAN, ÂNGELA. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 14 ed. São Paulo: Pontes, 2011.

KLEIMAN, Angela; MORAES, Silva E. **Leitura e interdisciplinaridade**. Tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RIOLFI, Claudia et al. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa (Coord.). **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidade de leitura para a cidadania. IN.: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Orgs.). **Leitura e escrita na formação de professores**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998

SOUZA, Rosineide Magalhães. MACHADO, Veruska Ribeiro. Coesão referencial: aspectos morfosintáticos e semânticos. In: BORTONI-RICARDO (Org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

ZABALA, Antoni. ARNAU, Laia. **Como ensinar e aprender competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-12-3



9 788585 107123